

DO CEDOC AO MEMÓRIA GLOBO: PRESERVAÇÃO, ACESSO E USO AOS ARQUIVOS DE TELEVISÃO

From Cedoc to Memória Globo: Preservation, access and use of television archives

Jose Jullian Gomes de Souza¹
Universidade Federal do Ceará - UFCE-CE

Resumo

Este estudo objetiva investigar como o Grupo Globo, a partir do Memória Globo, tem desenvolvido um projeto de preservação dos arquivos, promovendo - até certo ponto - o acesso e uso as imagens de televisão no ambiente digital. O quadro metodológico é formado pelo estudo de caso do Memória Globo, estratégia de pesquisa descritiva e uma discussão bibliográfica sobre a abertura pública aos arquivos de emissoras de televisão no Brasil. Destacamos, assim, que apesar do Memória Globo não ter sido desenvolvido com base no processo de abertura para os arquivos de televisão, o uso das ferramentas e plataformas digitais possibilita visualizar um caminho para este processo, potencializando o acesso e uso em caráter público, aberto e gratuito. Contudo, esta possibilidade ocorre dentro de certas limitações imposta pela empresa.

Palavras-chave: Arquivo audiovisual. Televisão. Ambientes digitais.

Abstract

This study aims to investigate how Grupo Globo, based on Memória Globo, has developed an archive preservation project, promoting - to a certain extent - access and use of television images in the digital environment. The methodological framework is formed by the case study of Memória Globo, a descriptive research strategy and a bibliographical discussion about the public opening to the archives of television stations in Brazil. We highlight, therefore, that although Memória Globo was not developed based on the opening process for television archives, the use of digital tools and platforms makes it possible to visualize a path for this process, enhancing access and use in a public, open manner. it is free. However, this possibility occurs within certain limitations imposed by the company.

Keywords: Audiovisual archive. Television. Digital environments.

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC), na linha de pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais. A pesquisa de doutorado discorre sobre o processo de interiorização e expansão da televisão em Juazeiro do Norte-Ceará, a partir do estudo de caso da TV Padre Cícero - experiência televisiva pioneira na localidade. Mestre em Biblioteconomia pelo Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (PPGB/UFCA), com pesquisa desenvolvida sobre o processo de representação temática para arquivos audiovisuais jornalísticos universitários. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará - Campus Cariri (atual UFCA), com pesquisa sobre webséries documentais e novas formas de produção de jornalismo audiovisual na internet. E-mail: jullianjose64@gmail.com

Introdução

A tríade arquivo, memória e televisão perpassa a discussão central deste artigo centrando a sua atenção nos processos de acesso e uso, porém sem esquecer as demais etapas: armazenamento, conservação, preservação e difusão dos arquivos de imagens da televisão brasileira. Historicamente, os arquivos de televisão tiveram e permanecem com o seu acesso dificultado, sobretudo pelo controle total das emissoras de televisão. Outra questão acerca dos arquivos reside no próprio processo de preservação, que ao longo da história da televisão brasileira, iniciada na década de 50, enfrentou e enfrenta problemáticas para a salvaguarda das imagens produzidas pela TV.

Com o avanço das possibilidades de retenção das imagens, a exemplo do videoteipe e tecnologias digitais têm funcionado como aliadas para as mídias tradicionais (impresso, rádio e televisão), quando direcionamos o olhar para o processo de salvaguarda e preservação do conteúdo midiático, especialmente no âmbito audiovisual. Os ambientes digitais minimizaram as distâncias, as barreiras e funcionam como uma expansão e extensão dos ambientes físicos de armazenamento dos arquivos audiovisuais. Entretanto, isso não significa esquecer que eles também apresentam suas falhas e desvantagens.

A história das mídias e produtos audiovisuais brasileiros, em suas diversas dimensões, ainda é repleta de lacunas, falhas e espaços vazios. Além disso, a historicidade das formas audiovisuais brasileiras, fundamental para a compreensão da sociedade, não pode ser vislumbrada ou apreendida para além de alguns rastros e articulações. Visto que, o seu acesso está restrito em Centros de Documentos, como no caso dos arquivos de telejornais de organizações privadas a exemplo da Rede Globo de Televisão, sendo necessário todo um processo de solicitação para utilização.

Outro fator que instiga o interesse a pesquisar sobre as estratégias de arquivamento e acesso e uso dos arquivos de televisão é pelo incêndio ocorrido na sede do telejornalismo da Rede Globo, no Rio de Janeiro situada no Jardim Botânico, em 1976. Em que seis ilhas de videoteipe foram destruídas pelo fogo.

Dessa forma, parte da memória e história do próprio telejornal como de acontecimentos do Brasil e do Mundo foram perdidos definitivamente. Preocupação que pode ser estendida para outros arquivos da televisão, como no caso do entretenimento, do esporte etc. E que ajudam a ilustrar diversos produtos audiovisuais a partir de tais registros. É assim, que compreendemos a importância da aliança entre os ambientes físico e digital, aqui, apresentada nesta pesquisa sob o estudo de caso do Memória Globo.

Compreendemos que há uma proposta de abertura para o acesso aos arquivos de televisão do Grupo Globo, que num passado recente, era totalmente fechado e restrito. Essa imbricação entre o físico e digital se apresenta como uma possibilidade em identificar como esses arquivos de TV extrapolam o Centros de Documentação e adentram os ambientes digitais. Assim, surge este estudo com o objetivo geral de investigar como o Grupo Globo, a partir do Memória Globo, tem desenvolvido um projeto de preservação dos arquivos, bem como o acesso e uso as imagens de televisão no ambiente digital.

155

O quadro metodológico é formado pelo estudo de caso do Memória Globo. De acordo com Yin (2005), o estudo de caso pode ser tratado como uma estratégia metodológica para a pesquisa em Ciências Humanas, que permite ao investigador a obtenção de um aprofundamento em relação ao fenômeno estudado. Além disso, tal estratégia metodológica favorece uma visão ampla acerca dos acontecimentos da vida real, destacando-se seu caráter de investigação empírica de fenômenos contemporâneos. Em conjunto, fazemos uso da estratégia de pesquisa bibliográfica sobre a abertura pública aos arquivos de emissoras de televisão, com base em estudos encontrados em periódicos e anais de eventos brasileiros como os Encontros Nacionais em História da Mídia e os Congressos em Ciências da Comunicação.

Destacamos, assim, que apesar do Memória Globo não ter sido desenvolvido com base no processo de abertura para os arquivos de televisão, o uso das ferramentas e plataformas digitais possibilita visualizar um caminho para essa abertura, acesso e uso em caráter público, aberto e gratuito. Ainda que há, claramente, uma seleção realizada dos arquivos para o acesso em caráter público. O que, por sua vez, apresenta a necessidade de uma discussão política sobre o

desenvolvimento governamental de um banco de dados nacional das imagens de arquivo da TV, como existente em outros países.

1. Televisão, arquivo e memória

Os estudos sobre os arquivos audiovisuais perpassam, neste estudo, pela relação entre televisão e memória. Em seus mais de 70 anos de presença constante e cotidiana na sociedade brasileira, a televisão tem registrado diversos acontecimentos sociais, culturais, históricos, políticos, econômicos e tecnológicos. Tudo transformado em registro. São inúmeros e incontáveis registros, arquivados e resguardados nos Centros de Documentação (Cedoc), das emissoras de televisão no Brasil. Tais registros perpassam tanto pelo não-ficcional, como é o caso das imagens de arquivos dos telejornais, programas jornalísticos, documentários e entrevistas, como ficcionais: filmes, séries, telenovelas, programas de entretenimento que apresentam para os sujeitos um recorte em áudio e vídeo de uma temporalidade.

Assim, essa mídia audiovisual, que nasceu experimental e que em seu início pouco se preocupou com a preservação de imagens - cabe salientar aqui, o alto custo das fitas e a falta de uma mentalidade dos pioneiros da televisão para a preservação e posterior uso -, é uma das fontes fundamentais para entendermos a nossa história. Pois, as “Imagens em movimento possuem grande valor na educação e formação de nossas comunidades, capturando momentos representativos de nossa vida e de nossa sociedade e seus arquivos estão armazenados com informações valiosas e inexplorada” (BRASIL; PAVLIK, 2016, p. 32).

Como explicitam Bressan Junior e Moraes (2021, p. 33), “A televisão ainda é um desses mecanismos que coloca na cena cotidiana imagens que, simbolicamente, têm uma força de adesão ao conjunto”. Mas, a formação dessas imagens extrapola o cotidiano e funciona também como mecanismo de relação e pertencimento com as diferentes temporalidades (passado, presente e futuro) e sujeitos. As implicações desses registros se estendem para além do aqui e agora, visto que essas imagens de arquivo televisivo têm o poder não somente de trazer

à tona imagens mentais de outros tempos, também despertar novos debates na contemporaneidade a partir dos seus registros para novos sujeitos.

Neste sentido, a relação entre televisão, arquivo e memória tende a trazer

[...] questões de temporalidades diferentes e modernidades em estágios distintos emergiram como peças-chaves para um novo entendimento rigoroso dos processos de globalização a longo prazo que procurem ser algo a mais do que uma atualização dos paradigmas ocidentais de modernização (HUYSSSEN, 2000, p. 10).

Além disso, ao se referir sobre esse despontamento do interesse da globalização da memória pela sociedade atual, Huyssen (2000) destaca duas características: (a) a memória que se transformou numa cifra para os séculos XX e XXI e (b) uma dimensão que particulariza e localiza o uso dessas memórias. Este pensamento se relaciona, por exemplo, com o uso de tais arquivos de imagens de TV que estão sendo utilizados pelo Globoplay - como estratégia de mercado e aumento da audiência.

A partir disso, entendemos que essas imagens podem ser utilizadas como uma forma de (i) ilustrar uma reportagem ou programa de TV, situando o telespectador sobre a situação ou o fato narrado ou (ii) como objeto principal na elaboração de um produto independente, como filmes, documentários ou programas de TV que são desenvolvidos com base nesses fragmentos. Ademais, os grupos midiáticos entenderam que essas imagens de arquivo são mais do que registros e fontes de informação sobre o passado. Esses arquivos funcionam como fonte de monetização e desenvolvimento de novos produtos.

Para entender isso, basta olharmos para os programas como o Vale a Pena Ver de Novo, que reprisa as telenovelas do passado na TV aberta ou o Canal Viva, na TV por assinatura. No primeiro caso, os arquivos de imagens do Cedoc preenchem um espaço na grade de programação; já no caso do Canal Viva, temos uma forma de rememoração constante dos produtos televisivos de tempos passados que são retransmitidos ao público, como telenovelas e minisséries. E programas de televisão como é o caso do Arquivo N, da GloboNews, que se dedica a “resgatar” os fatos e personalidades que marcaram época.

Expandido os usos desses arquivos audiovisuais para além da televisão, o Grupo Globo também vem disponibilizando os seus arquivos no serviço de

streaming Globoplay, através do Projeto Resgate de antigas telenovelas disponibilizadas na íntegra no streaming (em formato de áudio e vídeo originais). O que sugere que há também uma nova forma de arquivar essas imagens para além do Cedoc, nos fazendo refletir que “[...] o armazenamento, acesso e difusão do conteúdo audiovisual da TV é reconfigurado pela interação digital, mobilidade e ubiquidade das mídias como forma de se aumentar a audiência e de se fazer presente em mais de um ambiente midiático (AUTOR, 2020, p. 203).

Villela (2019) corrobora com a discussão ao dizer que a televisão funciona tanto como um testemunho de um tempo histórico, quanto na promoção da fixação de uma memória social sobre os eventos do passado e do presente. E esse exercício de fixação é intensificado quando visualizamos os diferentes usos desses arquivos na grade de programação da TV ou mesmo na composição narrativa de um determinado produto - a exemplos das inúmeras reportagens jornalísticas ou documentários que estão sendo produzidos na contemporaneidade e fazem um uso massivo desses arquivos de TV.

158

Como destacado por Magalhães e Silva Sobrinho (2014, p. 125), “[...] todo arquivo é uma prática social constituída por gestos de interpretação, que como tal, tem como premissas as condições materiais de produção que permitiram sua efetivação e a ideologia predominante na sua elaboração. Pois, o arquivo “[...] é o resultado de prática sócio históricas, e, por isso, possível de silenciamentos conscientes e de equívocos inconscientes por parte dos sujeitos que o elaboram e o organizam” (MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO, 2014, p. 125).

Nesse entremeio, destacamos a importância e necessidade em compreender a relação entre televisão, arquivo e memória, que perpassa pela questão de preservação, acesso e uso particularmente quando tratamos sobre o acesso e uso por atores sociais que não pertencem as emissoras de televisão, a exemplo de pesquisadores ou sujeitos que desejam acessar os registros audiovisuais da televisão. Logo, nos direciona para refletir sobre as possibilidades de pensar sobre um acervo em caráter de acesso público as imagens da televisão brasileira.

2. A problemática do acesso e uso aos arquivos de emissoras de televisão

Diferentemente de países como França, Inglaterra e Estados Unidos, no Brasil ainda não há uma política pública efetiva acerca da concentração e guarda, em âmbito público, das imagens de televisão das emissoras. Tal realidade afeta diretamente o processo de armazenamento, preservação, difusão, acesso e uso das imagens de arquivos das TVs - que estão sob o domínio de cada emissora, com regras e normas próprias de salvaguarda e acesso deste material televisivo.

Cabe destacar que as emissoras de televisão, apesar do capital de investimento ser privado, são concessões públicas com tempo determinado de execução (15 anos) que podem ou não ser renovado pelo governo. Ao partir desse viés para refletir sobre o acesso e uso das imagens de televisão, compreendemos como sendo necessário a existência de uma política pública audiovisual com a finalidade de captar essas imagens e desenvolver um banco de dados em caráter público.

As imagens de arquivo resguardam grande parte da história da sociedade brasileira, cobertura de grandes eventos culturais, históricos e políticos funcionando como importantes registros informacionais em caráter audiovisual da nossa sociedade. Uma vez que o acesso e uso estão restritos por cada emissora coloca em discussão o direito de acesso à informação televisiva. Um dos grandes defensores dessa discussão é o professor Antonio Brasil, que traz a discussão sob o ponto de vista dos arquivos de telejornais.

[...] telejornais são mais do que meros programas de televisão. Eles são também registros audiovisuais subestimados não-oficiais da nossa história recente e deveriam estar disponíveis em instituições públicas como bibliotecas ou arquivos, pelo menos para consulta e sem contratempos, para pesquisadores interessados (BRASIL; PAVLIK, 2016, p. 32).

Contudo, “[...] esses conteúdos jornalísticos ainda se encontram armazenados em arquivos e centros privados de documentação das emissoras de TV brasileiras. O acesso a esses conteúdos pelos pesquisadores ainda é limitado e restrito” (BRASIL, 2011, p. 1). Mas, os arquivos de telejornais são apenas um

exemplo dos tipos de arquivos de televisão que contêm informações fundamentais sobre a história da humanidade.

Os programas de entretenimento ou mesmo os ficcionais também podem funcionar como base para entender o passado, mediado por esses arquivos de imagens. Uma telenovela, por exemplo, pode corroborar na compreensão de costumes, vozes, paisagens e hábitos sobre uma sociedade. Um filme pode funcionar como um arquivo de imagem sobre determinada localidade ou período histórico. De acordo com Rodrigues (2018), o uso de arquivos no cinema pode ter três formas: a) o arquivo como fonte de pesquisa; b) os filmes que se utilizam das imagens de arquivo para construir novas histórias e; c) o cinema que recorre aos arquivos de imagens.

Para tornar mais clara a compreensão, vale destacar a diferença entre imagens de arquivo e arquivo de imagens.

Enquanto a primeira se trata de imagens fotográficas e audiovisuais que são produzidas com fins diversos e se encontram em condições de arquivamento por estarem fora do circuito de uso, os arquivos de imagem são aqueles que foram produzidos com objetivo específico e que ainda estão em circulação ou foram arquivados temporariamente para depois serem resgatados e trabalhados (RODRIGUES, 2018, p. 25).

160

Ou seja, esse processo de organização das imagens pode ser compreendido dentro da perspectiva de que há dois tipos de arquivos, sendo ambos internos: o primeiro, as imagens de arquivo de telejornais, programas e telenovelas que ocorrem normalmente no cotidiano de uma televisão; já no segundo caso, há a construção de um arquivo de imagens com base nas intenções futuras de uso dessas imagens para um posterior uso. Enquanto um arquivo é criado para resguardar o produto já finalizado, no outro caso as imagens são armazenadas visando tornarem-se úteis em algum momento do processo de produção. E isso não somente no cinema, mas na própria televisão.

E esse processo de organização, quando discutimos sobre o acesso e uso, está inteiramente ligado com o público interno das emissoras de televisão. Assim, conforme Busetto (2014, p. 382):

A ausência do registro audiovisual televisivo se interpõe como um primeiro limite à pré-produção da pesquisa interessada em analisar historicamente os estilos e as formas dos programas ou as noções e representações sobre diversos temas veiculados na programação durante as fases iniciais da história da TV. Mas o estudo de igual objetivo acerca da produção televisiva mais recente encontrará também obstáculos, ainda que tal material tivesse sido arquivado em maior quantidade e em melhores condições, quando comparado ao produzido até os anos de 1970. Neste caso, a limitação surgirá, sobremaneira, por conta de questões ligadas à natureza da organização dos arquivos televisivos e no que diz respeito ao acesso a eles.

Busetto (2014, p. 382-383) remonta a discussão iniciada por Brasil (2011), quando diz que, “Poder acessar ou não o material televisivo dependerá se a guarda e o arquivamento dele se encontram sob o domínio de um arquivo público ou tão somente nos centros de documentação das emissoras”. Como, de modo geral, esses registros estão situados no Cedoc das emissoras, o acesso dependerá de um protocolo a ser seguido pelos interessados. Além disso,

Frente a isso, Brasil e Frazão (2012, p. 14) expõem que “O acesso livre à nossa memória televisiva é questão fundamental e estratégica para a preservação da democracia no Brasil”. Todavia,

[...] o maior obstáculo é anterior à própria situação em foco, isto é, a ausência ou inconsistência da tomada de posições favoráveis à constituição de arquivos ou acervos públicos dedicados ao audiovisual televisivo. Por enquanto a instituição de arquivos públicos próprios para o audiovisual televisivo ou a criação de acervos deste material em arquivos públicos em funcionamento tem sido numericamente restrita no mundo ocidental, com destaque ao caso francês e ao britânico (BUSETTO, 2014, p. 383).

Como destacado anteriormente, o acesso é apenas uma das pontas desse processo que envolve e cerca os arquivos de televisão. E no caso brasileiro, esse problema não é restrito somente as emissoras comerciais, visto que mesmo as emissoras públicas também não apresentam garantias de acesso público aos seus acervos. Assim, temos a presença de algumas entidades e órgãos estatais que tentam viabilizar esse processo de acesso a memória das imagens de arquivo da televisão, como no caso da Cinemateca Brasileira, em São Paulo, e do Arquivo

Nacional, no Rio de Janeiro. Lugares que possuem registros audiovisuais da primeira emissora de TV do Brasil: a TV Tupi.

Ainda assim, há problemas em torno dessas instituições e descaso por parte do governo em fornecer subsídio para a manutenção e funcionamento desses equipamentos culturais. A estratégia desse órgão, tanto no armazenamento quanto no acesso, dialoga com o uso das novas tecnologias para garantir o acesso, assim como explicitado por Brasil e Frazão (2012), como uma possibilidade de garantir o acesso público aos arquivos.

Para tanto, vamos discorrer sobre uma viabilidade de acesso aos arquivos da televisão do Grupo Globo no ambiente digital, a partir do caso do Memória Globo (MG). Apesar da ideia inicial não ser a disponibilização para o público externo à TV desses arquivos, mas, sim, a construção de uma memória institucional, o MG pode funcionar como um exemplo a ser utilizados por outras emissoras de televisão no Brasil, para armazenar, preservar e possibilitar o acesso as imagens de arquivos da TV.

162

3. Memória Globo: uma proposta de acesso público aos arquivos da TV

De acordo com informações da plataforma digital, o Memória Globo foi criado em 1999 com o propósito de resgatar e contar a história do Grupo Globo. Ou seja, o objetivo inicial do projeto era de construir uma memória sobre e para o grupo midiático, com a ajuda de todo o material audiovisual das emissoras. Ainda conforme a plataforma, a memória do Grupo Globo é construída com o aporte de diferentes profissionais como pesquisadores, editores de conteúdo e produtores, bem como do desenvolvimento de um projeto de memória oral, com profissionais que fizeram e fazem parte das empresas.

Mediante as essas informações iniciais é possível explicitar que o objetivo inicial do Memória Globo não é o de elaborar um espaço ou lugar de memória para o uso dos sujeitos internos, como forma de facilitar o acesso ao material audiovisual. Contudo, podemos analisar a estratégia do Memória Globo sob esse prisma e encará-lo como um espaço de preservação, difusão, recuperação, acesso e uso no ambiente digital dos arquivos de imagem da televisão brasileira. E isso

se revela enquanto uma prática inovadora de uma emissora de televisão no Brasil, pois apesar de não disponibilizar todo o material dos seus Centros de Documentação, o MG já sinaliza um grande volume de conteúdo que pode ser acessado pela comunidade externa.

O portal está estruturado em 9 pilares, além de informações como o “Grupo Globo”, “Memória Grupo Globo”, “Princípios Editoriais” e “Quem Somos”:

Quadro 1 - Estrutura das informações no Memória Globo

Entretenimento	<ul style="list-style-type: none"> • Novelas • Minisséries • Seriadados • Humor • Auditório e variedades • Infantojuvenis • Musicais e shows • Reality shows • Especiais
Jornalismo	<ul style="list-style-type: none"> • Telejornais e programas • Coberturas • GloboNews
Esporte	<ul style="list-style-type: none"> • Eventos e coberturas • Telejornais e programas
Perfis	<ul style="list-style-type: none"> • Destaques (com algumas personalidades) • Entretenimento • Esporte • Jornalismo
Produtos Digitais	<ul style="list-style-type: none"> • G1
Erros	<ul style="list-style-type: none"> • Diretas Já • Debate Collor versus Lula
Acusações Falsas	<ul style="list-style-type: none"> • Concessões de canais • Caso Time-Life • Proconsult • BNDES e renegociação de dívida • Queda do aviação da Gol • Caso da Bolinha de Papel • Direitos de Transmissão Copa do Mundo de 2002
Exclusivo Memória Globo	<ul style="list-style-type: none"> • Projetos especiais • Publicações • Memória.Doc
Memória.Doc	<ul style="list-style-type: none"> • Esporte • Entretenimento • Jornalismo • Institucional

Fonte: elaboração própria com base em Memória Globo [s/d].

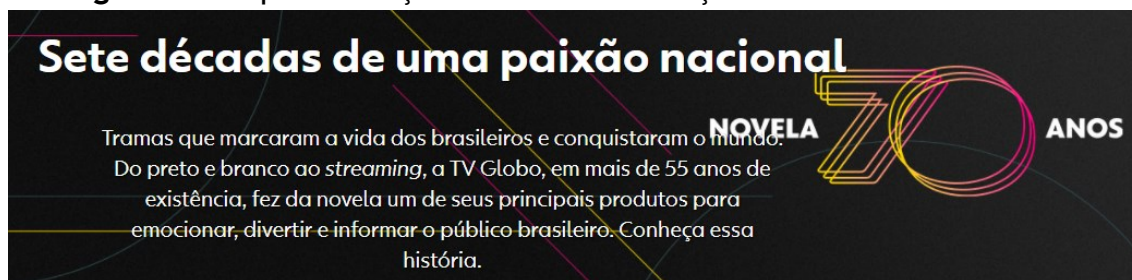
A partir das informações no Quadro 1 podemos observar que o portal digital organiza os seus arquivos por diferentes categorias. Cada um dos 9 tópicos identificados traz um determinado tipo de informação que está relacionado com a história da televisão, com a história do grupo de mídia e também com a sociedade. Cabe a nós salientar que esses documentos audiovisuais contidos nesses arquivos e registros representam uma visão específica, no caso a do Grupo Globo. Isso não significa que tais documentos e arquivos não sejam válidos, mas que antes é necessário compreender o ponto de partida da produção de informações, pois isso acarretará também na visualização das informações que foram disponibilizadas. Como já dito, os arquivos do Grupo Globo não estão todos disponibilizados no Memória Globo. O que demonstra que há, visivelmente, uma seleção daquilo que a mídia quer que seja lembrado e também que seja esquecido - o duplo esquema que envolve a memória: lembrança e esquecimento. Todavia, como este não é o objetivo deste estudo apenas destacamos a observação visto que seja necessário fazer tal ponderação.

164

A importância do projeto Memória Globo reside na possibilidade real das empresas de comunicação, especialmente no caso da TV, realizarem esta abertura dos seus arquivos audiovisuais. E os mecanismos da mídia digital tendem a facilitar tal processo, a partir da digitalização do acervo físico e a disponibilização online desse material. Assim, tanto para pesquisadores que desejam ter acesso ao material quando para cidadãos que buscam acessar o tempo passado através dos registros, o Memória Globo possibilita, parcialmente, esse feito.

Recentemente, em celebração aos 70 anos de telenovelas no Brasil, o Memória Globo disponibilizou uma página dedicada a esse produto cultural audiovisual que faz parte da história da sociedade e que acompanha o próprio desenvolvimento do ser humano.

Figura 1 - Disponibilização sobre as informações das telenovelas no Brasil



Fonte: Reprodução Memória Globo.

As informações estão organizadas por décadas (1960-2020) e apresentam diversas informações sobre a telenovela, tais como: título, data de estreia, horário de exibição (uma ficha técnica). Com a possibilidade da hipertextualidade, o usuário pode clicar na imagem da telenovela e obter maiores informações como um resumo da história, número de capítulos, autoria, direção, acesso a uma galeria de fotos e curiosidades. Assim, o Memória Globo constrói um acervo que extrapola o audiovisual, fornecendo informações textuais e fotográficas para compor um campo mais repleto de dados e informações sobre o produto, no caso a telenovela.

O mesmo caso acontece nos arquivos do jornalismo. Subdividido em três categorias (Quadro 1), as informações podem ser acessadas de acordo com o interesse do usuário. Os arquivos estão disponibilizados por ordem cronológica (Figura 2):

Figura 2 - Arquivos dos programas jornalísticos do Grupo Globo



Fonte: Reprodução Memória Globo.

No caso do arquivo do Jornal Nacional, o primeiro telejornal transmitido em rede e o mais antigo a estar presente na grade de programação da televisão brasileira (desde o dia 1º de setembro de 1969), várias informações podem ser visualizadas nos arquivos, tais como: História, Aniversários, Apresentadores, Cenários, Aberturas, Tecnologias, Reportagens e Entrevistas, Séries, Curiosidades, Prêmios, Ficha Técnica e Fontes.

Figura 3 - Arquivos audiovisuais do Jornal Nacional

O PRIMEIRO TELEJORNAL EM REDE DO BRASIL



Fonte: Reprodução Memória Globo.

A abertura inicial desses arquivos audiovisuais de emissoras de televisão, como no caso das empresas do Grupo Globo, demonstra, inicialmente, a necessidade de discussão em níveis político e acadêmico, sobre a importância do acesso e uso a esses arquivos. Não se trata apenas de acessar as imagens de um passado construído midiaticamente, mas, antes, de compreender a informação audiovisual televisiva como uma fonte de informação pública. Esse pensamento nos remonta ao que Brasil (2011), explicita sobre a questão dos arquivos de TV serem considerados públicos, visto que as emissoras são concessões públicas. Logo, é preciso pensar na importância da elaboração de uma política pública e de um arquivo das imagens de TV com acesso gratuito e aberto.

O caso do Memória Globo trata-se de uma possibilidade, de uma iniciativa privada e que pode servir de exemplos para outras emissoras públicas, estatais e comerciais brasileiras. A organização das informações no portal do Grupo Globo também facilita que as informações sejam recuperadas e acessadas, sem que o usuário tenha grandes dificuldades de encontrar um produto audiovisual. O que pode acontecer é o fato de um determinado arquivo que seja buscado não estar disponível, já que, como mencionado, há nitidamente um controle de informações que foram arquivadas e disponibilizadas no Memória Globo.

Entretanto, quando falamos de práticas de uso e regimes de visibilidades dos arquivos audiovisuais, sobretudo os de TV, há que se considerar e ponderar a importância do Memória Globo. São milhares de arquivos e de hora gravadas que podem ser acessadas, e que corroboram com o desenvolvimento de pesquisas sobre o audiovisual brasileiro, sobre as leituras que as emissoras do Grupo Globo estão fazendo sobre os fatos históricos, coberturas jornalísticas entre outros. Até

mesmo o que está sendo mostrado e o que não está sendo disponibilizado na plataforma digital torna-se assunto de reflexão.

Mas, voltando para o direcionamento sobre o acesso e uso aos arquivos de televisão de emissoras no Brasil, o projeto Memória Globo explicita um caminho que pode ser trilhado pelas demais emissoras de TV brasileiras. Isso possibilita não somente que a memória da televisão brasileira seja resguardada em banco de dados digitais, mas que ao tornar essa memória aberta, pública, torna-se também possível o compartilhamento de fragmentos da história do país, que estão registrados e resguardados nesses grandes arquivos físicos dos Cedocs.

Além disso, quando pensamos em todo o processo de solicitação para acessar esses arquivos (desde a solicitação até a obtenção de uma resposta), os ambientes digitais tendem a diminuir essas barreiras - ao menos com uma parcela desses arquivos disponíveis digitalmente. Desse modo, os ambientes digitais tendem a estruturar e proporcionar uma relação mais dinâmica no momento da pesquisa em bancos de dados de imagens de televisão, bem como funcionam como essa virtualização da memória televisiva brasileira. Assim, ambientes digitais como o Memória Globo não precisam funcionar apenas como um caminho para a memória organizacional, mas como entremeio entre as emissoras e os usuários, pesquisadores, curiosos ou sujeitos, em geral, que buscam obter acesso a memória dos arquivos de televisão.

167

Dessa forma,

Com a abertura da comunicação no formato digital foram estabelecidos **novos modelos de disponibilização da informação, passando pelo acesso, uso (re)apropriação para a construção de uma memória audiovisual em ambientes digitais** como observada em sites, redes sociais, aplicativos de vídeos e serviços de streaming (seja de forma institucionalizada ou produzida por outros sujeitos, a exemplo de canais na plataforma YouTube) (AUTOR, 2021, p. 112, grifo nosso).

Além do que foi citado pelo referido autor, compreendemos que a expansão dos arquivos de televisão para ambientes digitais explora outras possibilidades do regime de visibilidade desses arquivos audiovisuais, a exemplo da formação de um banco de dados da memória audiovisual televisiva. Como explica Machado (2006, p. 8), as bases de dados “[...] permitem a estruturação das informações de modo

combinatório, apresentando-as de forma mais flexível e conforme os requerimentos do usuário ou dos vínculos ativados por cada um na navegação”.

Diante o que foi apresentado no Quadro 1, essa evidência apontada por Machado (2006) pode ser identificada no que se refere ao Memória Globo. As informações estão organizadas e combinadas de acordo um sistema próprio de organização e disponibilização das informações audiovisuais televisivas. O acesso e uso, assim, acontece de acordo com a busca e o interesse do sujeito durante a navegação na plataforma digital.

Ademais, “[...] o arquivamento e o acesso garantido a acervos televisivos são expedientes cruciais ao **avanço do conhecimento histórico sobre a TV**, bem como para o uso do material televisivo como fonte para pesquisas de diferentes temas referentes ao período mais contemporâneo” (BUSETTO, 2014, p. 384, grifo nosso). Assim, ao relacionarmos o projeto Memória Globo com a fala do autor, compreendemos que a expansão dos arquivos de televisão para o ambientes digitais pode ocorrer não apenas no caso da Rede Globo, mas para outras emissoras de TV brasileiras.

168

Apontamentos finais

A proposta de abertura aos arquivos de televisão com o estudo de caso do Memória Globo demonstra uma viabilidade de arquivamento, difusão, acesso e uso aos arquivos audiovisuais no âmbito televisivo no Brasil, a partir do processo de digitalização dos acervos e disponibilização online. Essa viabilidade dos documentos audiovisuais migrarem do físico para o digital demonstra uma preocupação que no início da história da televisão não aconteceu, seja pelo alto custo das fitas e da inexistência de técnicas, seja pela própria falta de preocupação em salvaguardar os registros dos primeiros acontecimentos da TV brasileira.

Apesar do Memória Globo possibilitar o acesso e uso aos arquivos, como registrado anteriormente esse não é o principal feito para a existência da plataforma digital. Mas, se apresentando como uma possibilidade, um recurso viável frente as potencialidades do uso das tecnologias digitais. Todavia,

acreditamos ser um modelo de implantação que pode ser replicado pelas demais emissoras, criando um gigantesco banco de dados acerca das imagens da televisão, ficcionais e não ficcionais.

Uma discussão que fica em evidência e em aberto é a necessidade da aplicação de políticas públicas e a construção de um modelo de acesso público pelo governo, como já acontece em países da Europa e nos Estados Unidos. O recolhimento dessas imagens e a sua disponibilização poderão criar um sistema de memória audiovisual em caráter aberto e gratuito, visto que as emissoras de TV são concessões públicas e esses registros resguardam o desenvolvimento da história da sociedade brasileira - sob o ponto de vista midiático.

No caso do Grupo Globo, a disponibilização das imagens de forma oficial não acontece em plataformas digitais como no YouTube, por exemplo. Isso se deve ao fato de a empresa buscar monetizar esses arquivos, como na criação dos antigos DVDs e, atualmente, disponibilizando por meio do seu serviço de streaming: o Globoplay. Isso também releve que um dos motivos para as dificuldades de acesso ao material audiovisual está relacionada com a questão econômica. Afinal, monetizar esses arquivos é mais interessante para as emissoras. E isso pode ser observado no contexto da pandemia da Covid-19, quando o Grupo Globo passou a disponibilizar as suas telenovelas antigas no Globoplay, na mesma estratégia de disponibilização das séries (uma temporada inteira para assistir sem pausas impostas pela lógica da TV).

Contudo, o Memória Globo nos mostra a importância da expansão dos arquivos audiovisuais da televisão para o ambiente digital e a necessidade do acesso aberto e público as imagens geradas, ao longo do tempo, pelos produtos midiáticos audiovisuais. Outras questões que não são o objetivo deste estudo podem ser exploradas como os arquivos que foram disponibilizados, o que eles contam ou o que o grupo midiático decidiu compartilhar? Quais as leituras que podem ser feitas, na relação com a memória, entre a lembrança e o esquecimento dos acontecimentos midiáticos? Questionamentos que podem servir de base para novos estudos e outros pesquisadores que se debruçam sobre o tema.

Dessa forma, a conservação e disponibilização dos arquivos de TV no ambiente digital tendem a facilitar a exibição desse conteúdo audiovisual,

viabilizando novas práticas de armazenamento e salvaguarda do material, a exploração das novas tecnologias, transposição dos arquivos físicos e agora também digitalizados e novas formas de visibilidade, que inserem o sujeito/usuário dentro de um processo mais “autônomo” de uso do material disponibilizado.

Referências

BRASIL, Antônio; PAVLIK, John. Big data, código computacional e arquivos de notícias televisivas: implicação dos avanços nos métodos de investigação audiovisual para a qualidade do jornalismo. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 30-52, jul./dez., 2016.

BRASIL, Antonio. Dificuldades, limites e novas propostas para o acesso livre aos arquivos de telejornalismo brasileiros. *In*: X SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE DE TELEJORNALISMO: DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS, 10., 2011, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2011.

BRASIL, Antonio; FRAZÃO, Samira. Reflexões sobre o Acesso aos Arquivos de telejornais brasileiros. **Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 28, 2012.

BRESSAN JUNIOR, Mario Abel; MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. Arquivo televisivo: imaginário, memória e laço social revisitado. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 31-46, jan./abr., 2021.

BUSETTO, Áureo. Vale a pena ver de novo: organização e acesso a arquivos televisivos na França, Grã-Bretanha e no Brasil. **História**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 380-407, jul./dez. 2014.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MACHADO, Elias. **O jornalismo digital em bases de dados**. Florianópolis: Calandra, 2006.

MAGALHÃES, Belmira; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Práticas sociais, discurso e arquivo: a mídia e os gestos de leituras subjacentes. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, n. 11, p. 123-134, 2014.

MEMÓRIA GLOBO. **Memória Globo**. [s/d]. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MEMÓRIA GLOBO. **Incêndio na Globo.** [s/d]. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/incendio-na-globo/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

RODRIGUES, André Araújo. **Ser arquivo, sertão:** a construção de um arquivo cinematográfico sobre o sertão brasileiro. 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2019.

VILLELA, Lucas Braga Rangel. A televisão como campo de memória e representação social: Documento Especial: Televisão Verdade (1989 - 1995). *Fronteiras*, Chapecó, v. 1, n. 33, p. 6-25, maio 2019.
YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** *Porto Alegre: Bookman*, 2005.

SUBMETIDO: 06/12/2023

APROVADO: 18/04/2024